

**“A EDUCAÇÃO QUE TEMOS E  
A EDUCAÇÃO QUE QUEREMOS**

**DA EDUCAÇÃO BÁSICA  
À PESQUISA ACADÊMICA”**



DIAS 28, 29 E 30 DE SETEMBRO

XV JORNADA ACADÊMICA DO MESTRADO E DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

## **ENCONTRO ENTRE BEBÊS E ADULTOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: FORMAÇÃO DOCENTE EM ATO**

Deili Rodrigues Rosa  
Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC)

Eixo 1- Linguagem, Experiência Intercultural e Educação

A pesquisa “Encontro entre bebês e adultos na Educação Infantil: formação docente em ato” (2022) teve como objetivo estudar e refletir a alteridade do encontro entre bebês e adultos por eles responsáveis no cotidiano da creche. A interrogação pelo encontro educativo com a alteridade do outro buscou compreender a sensibilidade e a responsabilidade dos adultos assumirem uma ética na qual o cuidado deixa de ser condição ou ideal para constituir uma possibilidade de encontro. A abordagem filosófica foi sustentada pelas concepções de natalidade e mundo comum em Hannah Arendt e ética da responsabilidade em Emmanuel Lévinas, as quais permitiram refletir a ética da alteridade na formação docente em ato na EMEI Aliança / Santa Cruz do Sul – RS. Uma ética “cotidiana” docente implicada na responsabilidade educacional para com a coexistência entre bebês e crianças pequenas que chegam ao espaço escolar. Entre o cuidado com o mundo em Arendt e o cuidado com o Outro em Lévinas, a ética da responsabilidade passa pelo modo como nos colocamos em linguagem no mundo com outros, como a apresentamos aos novos que chegam e como a eles dirigimos a palavra.

Em 2020 iniciei a trajetória de pesquisadora no Mestrado em Educação na Universidade de Santa Cruz do Sul-UNISC. Ao cursar as disciplinas fui trilhando e experienciando vários estudos que ressoaram em mim o interesse em aprofundar a interrogação pela educação de bebês no espaço coletivo da creche. Questões pessoais, e sempre o é, inquietavam minha vontade e interesse de estudar e pesquisar a experiência vivida por adultos na sala do berçário. É no berçário onde tudo inicia, onde acontecem

os primeiros passos, as primeiras palavras, onde emergem os laços afetivos com adultos que não estão em seu núcleo familiar, os estranhamentos e as aprendizagens do ambiente coletivo. O que pode o adulto oferecer ao bebê no espaço e tempo da instituição de Educação Infantil?

Na pesquisa me aproximei de dois pensadores, Hannah Arendt (2017) e Emmanuel Levinas (1988) que conversam sobre a natalidade e a alteridade como ética da responsabilidade. Suas filosofias permitiram refletir o encontro geracional que acontece no espaço coletivo da Escola Municipal de Educação Infantil Aliança, em Santa Cruz do Sul-RS, e o compromisso que os adultos têm com os novos que chegam ao mundo. A docência foi o fio condutor na reflexão deste encontro entre adultos e bebês. Ambos os filósofos auxiliaram a compreender a formação docente e alguns caminhos importantes para a reflexão sobre o desafio educacional da alteridade dos encontros entre adultos e bebês na escola de Educação Infantil.

Para refletir acerca das experiências na EMEI Aliança-SCS, no percurso do processo de escrita da dissertação de mestrado, optei por descrever o vivido em uma abordagem fenomenológica pois o objetivo não foi propor explicações, mas descrever, desvelar aspectos do fenômeno humano (REZENDE, 1978). Uma descrição pautada na compreensão da experiência do corpo no mundo, sensível, aprendente, reflexivo, vigorando na e pela linguagem. Ou seja, a partir da escuta reflexiva, realizada em 2020 e 2021, das leituras e encontros diários com as profissionais da escola e com as crianças, assim como das discussões com colegas do grupo de pesquisa *Estudos Poéticos: Educação e Linguagem*. A escrita reflexiva foi tecida a partir da interrogação pela experiência da docência com bebês no espaço da EMEI Aliança. A intenção foi refletir esse encontro potente e responsável que apresenta o mundo comum a quem nele chega. Nesse sentido, foi a possibilidade de pensar “a educação como comunidade e conversação, experiência de viver e pensar nas diferenças, potência para re-invenção de si, do outro e do mundo” (RIBEIRO, SKLIAR, 2020, p. 13) que mobilizou a escuta do encontro entre bebês e adultos na escola de Educação Infantil.

Um encontro atravessado pela ética da responsabilidade do adulto que apresenta, em forma de cuidado, um mundo para coexistir em distintos tempos de vida. Para refletir a ética da alteridade no acolhimento aos novos que chegam ao espaço escolar da Educação Infantil, foi necessário compreender as concepções de natalidade e de mundo comum em Hannah Arendt, assim como a ética da responsabilidade em Emmanuel Lévinas. Ambos contribuíram para afirmar que a ética da responsabilidade passa pelo

modo como nos colocamos em linguagem no mundo com outros, como a apresentamos aos novos que chegam e como a eles dirigimos a palavra. Uma contribuição que permitiu interrogar quem são os adultos que estão recebendo os bebês e as crianças pequenas na escola? Quais os convites que sustentam os encontros diários? A docência reflete e compreende a importância deste encontro? São questões que convidam a interrogar e lançar um olhar ao meu local de trabalho com uma lente mais apurada para compreendê-las.

A Escola Municipal de Educação Infantil Aliança atende 102 crianças e conta com 32 profissionais, na maioria oriundos de concurso público: Atendente de EMEI, Professor 20 horas, Professor 40 horas, Serventes, Estagiárias (de Ensino Médio e Ensino Superior) e uma equipe diretiva com direção e vice direção. No percurso de gestora há oito anos dessa EMEI, vários questionamentos foram se formando. Ao longo deste percurso, permaneceu como inquietante interrogação – talvez a mais antiga que habita em mim – a questão da docência com bebês. A mais antiga, pois, a etapa da creche sempre foi por mim evitada. Com os estudos e discussões no grupo de pesquisa, e após a realização de uma dissertação direcionada ao berçário, posso afirmar que o desafio me encanta e é uma docência da qual quero participar.

Na busca pela compreensão do encontro que acontece na escola, na responsabilidade da docência com bebês, que educação é oferecida nesse encontro? Qual a minha responsabilidade docente nesse processo educativo escolar? Um processo que compreendo, com Larrosa (1998), como o modo que recebemos no mundo os que nascem e no qual recebem é criar um lugar, é abrir um espaço em que aquele que vem possa habitar.

Com essa compreensão, fui aproximando as reflexões de Arendt (2017) e de Lévinas (1988) desde a concordância entre ambos de não priorizar nesse processo o “eu”, pois a centralidade está na alteridade, quer no cuidado com o mundo (Arendt), quer no cuidado com o Outro (Lévinas).

Arendt (2017) contribuiu para o entendimento da condição humana, a partir do conceito de natalidade como novo começo inerente ao nascimento, no qual o recém-chegado pode fazer-se sentir no mundo pela capacidade de iniciar algo novo, isto é, de agir. Para ela, a ação humana exige discurso, pois “ao agir e ao falar, os homens mostram quem são, revelam ativamente suas identidades pessoais únicas, e assim fazem seu aparecimento no mundo humano” (ARENDR, 2017, p. 222). Ao estabelecer a diferença entre nascer como ciclo vital de qualquer espécie e natalidade como surgir

para o mundo comum, através da singularidade do agir em linguagem na pluralidade do mundo, Arendt (2017) desenvolveu um pensamento educacional pautado na responsabilidade do acolhimento aos novos como começo, novidade e milagre desde o amor ao mundo.

Lévinas (1988; 1993) apresentou a compreensão da ética da alteridade, da responsabilidade pelo outro sem a espera de recompensas, dando indícios que a educação pode ser esta responsabilidade com o outro, que a educação ética se responsabiliza pelo outro. Ao apontar que a responsabilidade é o que exclusivamente o incumbe e que, humanamente, não pode recusar, afirma que este encargo é uma suprema dignidade do único. Essa responsabilidade não é uma qualidade do humano, ela é a própria humanidade que emerge e se manifesta na sua inteireza, em sua eticidade. O humano não pode fugir de sua própria humanidade e, como tal, não pode fugir a sua responsabilidade de guardião do outro. O outro só é quando é totalmente outro, pois até posso conhecer, mas não posso reter, dominar. O outro é, por definição, o que escapa ao nosso conhecimento.

Os estudos e questionamentos foram se tornando mais presentes no cotidiano ao apresentar para as colegas e propor entre nós reflexões que foram tecendo as discussões em grupo. Algumas ações do cotidiano do berçário foram se modificando a partir de uma mudança nos modos de conceber o berçário e os encontros que ali acontecem. Com maior intencionalidade e, ao mesmo tempo, maior disponibilidade ao acolhimento ao inesperado (BARBOSA, RICHTER, 2015), fomos tecendo a compreensão da função ética e política da escola de Educação Infantil. Uma função simultaneamente de respeito à alteridade do outro e da formação da memória, das narrativas que significam o vivido e da transmissão da experiência. E, esta definição da função da escola é norteador para os encontros entre bebês e adultos, o cuidado e a responsabilidade envolvida neste encontro.

Arendt e Lévinas ao se deterem na responsabilidade pelo mundo e pelo outro destacam a ação e a presença do outro em linguagem. Na expectativa arendtiana de apresentar o mundo aos novos que chegam surge a responsabilidade que os adultos têm de fazer este convite, ao mesmo tempo no inesperado que são os encontros e imprevisíveis as ações, sendo únicas, as experiências e as aprendizagens são tecidas a cada encontro. Por sua vez, Lévinas apresenta a responsabilidade com o outrem sustentada na epifania do rosto, na alteridade do outro. A responsabilidade pelo Outro surge como quem não espera nada em troca, uma doação descompromissada, apenas

generosa no cuidado com ele.

Alteridade, ética e ética da alteridade teceram ideias e conceitos que desafiaram minha formação de professora pesquisadora. Viver e experienciar a alteridade do encontro com o outro, que é único e irrepetível, conduziu ao entendimento de uma ética da responsabilidade fundada no estar sendo inteiramente no momento, em presença pois em linguagem. Uma ética que sustenta a intencionalidade docente de saborear e efetivamente viver o encontro desde uma ética da alteridade como o encontro com outro a partir da sensibilidade e da responsabilidade. A sensibilidade e responsabilidade pelo outro são colocados como situações possíveis, pois o cuidado deixa de ser condição ou ideal para se tornar uma possibilidade de encontro. Os estudos de Hannah Arendt e Emmanuel Lévinas oportunizaram a reflexão do meu cotidiano, de minhas vivências com as colegas e com os bebês, mas principalmente o processo constante e diário que vivo na escola, a minha formação docente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Formação; Docência; Educação Infantil

## **REFERÊNCIAS**

ARENDRT, Hannah. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 13<sup>o</sup> ed. 2017.

BARBOSA, Maria C. Silveira e RICHTER, Sandra R.S. Mia Couto e a educação de crianças pequenas: alteridade, arte e infância. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 9, n. 2, p. 485-518, 2015.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana**: danças, piruetas e mascaradas. Porto Alegre: Contrabando, 1998.

LÉVINAS, Emmanuel. **Ética e Infinito**. Lisboa: Edições 70, 1988.

LÉVINAS, Emmanuel. **Humanismo do outro homem**. Petrópolis: Vozes, 1993b.

REZENDE, Antonio Muniz. Educação e ser-no-mundo: um projeto de fenomenologia da educação. 1978. 417f. Tese de Livre Docência (Programa de Pós-Graduação em Educação). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1978.

RIBEIRO, Tiago, SKLIAR, Carlos. Escolas, pandemia e conversação: notas sobre uma educação inútil. **Série-Estudos**, Campo Grande, MS, v. 25, n. 55, p. 13-30, set./dez. 2020.